Et nunc manet in te: sobre a demanda endereçada no Gide de Lacan*

Clarice Gatto

Escrevo. Escrevo que escrevo. Mentalmente me vejo escrever que escrevo e também posso me ver ver que escrevo. Recordo-me já escrevendo e também vendo-me que escrevia. E me vejo recordando que me vejo escrever e me recordo vendo-me recordar que escrevia e escrevo vendo-me escrever que recordo haver-me visto escrever que me via escrever que recordava haver-me visto escrever que escrevia e que escrevia que escrevo e que escrevia. Também posso imaginar-me escrevendo que já havia escrito que me imaginaria escrevendo que havia escrito que me imaginava escrevendo que me vejo escrever que escrevo.

Salvador Elizondo: El grafógrafo

(Mario Vargas Llosa)

Juventude de Gide ou a letra e o desejo[1] é um texto publicado em 1958. Neste período do ensino de Lacan a relação do Outro, A[2], do sujeito correspondia ao *Esquema L*[3], o estilo[4] ainda era o objeto e o famoso grafo do desejo, publicado em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, havia sido construído durante o seminário *As formações do inconsciente* (1957-1958), especialmente a partir da estrutura da *palavra de espírito*[5].

Para comentar sobre a relação do Outro do sujeito no Gide de Lacan tomei como eixo de minhas reflexões dois pontos que considerei significativos para indagar o que estou chamando, inicialmente, de uma *demanda endereçada* de Gide. Parto basicamente do texto de Lacan e das elaborações feitas durante o seminário de Antonio Quinet (em 1995) em que trabalhamos a partir do termo de narcisismo – em Freud e Lacan – algumas noções que envolvem a idéia de construção de uma fantasia em análise.

* Trabalho inicialmente apresentado nas Jornadas Clínicas da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano Seção Rio de Janeiro. De Freud a Lacan: o Desejo e a Interpretação, V; 1995, agosto; Niterói, Brasil. "E agora permanece em você" é uma das possíveis versões para o português do título do livro de André Gide *"Et nunc manet in te"*.

[1] Lacan. Jeneusse de Gide ou la lettre et le désir – Sur un livre de Jean Delay et un autre de Jean Schumberger. (1966, p.739-764)

[2] Há dois modos de se escrever o outro em Lacan: como *grande outro* (*Autre*) é o "ser estrangeiro", *Nebenmensch* como dizia Freud, um "grande outro" qualquer, próximo geograficamente, encarnado em sua estranheza também por suas palavras; e, o *pequeno outro (autre)*, face a face, imaginário, homólogo da imagem especular unificada.

[3] *Esquema L* apresentado por Lacan na aula de 25 de maio de 1955 em *O seminário – livro 2* (1987, p. 307)

[4] Lacan, na Abertura.. de seus *Écrits*, em 1966, comentou de

O primeiro ponto em que me detive se refere à afirmação contundente de Lacan quanto à ausência de uma palavra paterna que humanizasse o desejo na infância de Gide – "la mort a emporté avec son père celle qui humanise le désir" – destinando um lugar clandestino, fantasmático para o desejo, porque marcado, como veremos, por "atormentadoras delícias".

Segundo, sublinho o comentário enigmático de Lacan sobre o encontro amoroso de Madeleine e Gide, ao dizer "até onde ela veio a ser o que Gide a fez ser, resta impenetrável", e a associação que o próprio Lacan faz em seguida, na mesma frase, ao dizer "porém o único ato onde ela nos mostrou claramente se separar disso é aquele de uma mulher, de uma verdadeira mulher, em sua integridade de mulher".

Se a demanda do sujeito é sempre pulsional *causa* do desejo do Outro: "que quer você... de mim?" *Che vuoi?* Para responder ao "eu te demando o que eu sou... para você" ($\$ \lozenge D$), o que será que acontece quando o sujeito, ao endereçar *sua questão* para o Outro e se encontrar com significante de $\not A$, $S(\not A)$, a mensagem que lhe volta for redobrada em vez de ser desdobrada?

Ao distinguir a construção da máscara do advir da *persona*, Lacan, interpreta de modo singular – com Gide – o ofício de *escrivinhador* do sujeito, sujeito da fantasia, sujeito no desejo de...

a pesquisa de lacan

Em seu seminário, Quinet chamou a atenção para a originalidade da pesquisa de Lacan em não abordar o *tema Gide* pelo diagnóstico, e sim em apontar como próprio da estrutura do sujeito a *dissociação* entre amor/desejo – desenvolvida por Lacan só mais tarde por ocasião do seminário sobre *A identificação* (1961-1962), em que estabelece distinções entre a estrutura fundamental do sujeito a partir do nó demanda/desejo do complexo de Édipo e a experiência da neurose[6].

Lacan já postulava também nesta época a indicação de uma outra interpretação, diversa de Freud, quanto à travessia da fantasia em uma análise. Em primeiro lugar, ao abordar a máscara neste texto e distinguir máscara de *persona*, Lacan clareava, digamos assim, a imagem da metáfora que abordava a *Spaltung ou refente du moi*[7] (cisão do eu), até então considerada pelos psicanalistas como "fraqueza do eu". Ao tomar como ilustração o teatro antigo[8], Lacan se interrogava especialmente sobre o manejo da máscara. "É preciso, para despertar sua atenção, mostrar-lhes o manejo de uma máscara que somente des-

modo diferente a frase de Buffon que dizia que "o estilo é o próprio homem", passando a dizer que "o estilo é o próprio homem, retomo a fórmula para acrescentar-lhe, o homem a quem nos endereçamos", p. 9.

[5] A articulação entre "a palavra de espírito e suas relações com o inconsciente" foi um tema explorado desde o início na obra de Freud (1905). Lacan retoma, neste ensaio, mais essa problemática para refletir sobre a passagem para o poético na obra de Gide. "Há muito pouca oposição entre esta *Dichtung* (poesia) e a *Wahrheit* (verdade) em sua nudez, que a operação poética deve antes nos deter nesse traço (*trait*) que esquecemos verdadeiramente, é que ela se verifica em uma estrutura de ficção" (*Écrits*, 1966, p.742). Conforme veremos mais adiante, o riso foi uma das vias buscadas por Lacan para articular esse *trait* – tanto de espírito quanto de humor – que fez Gide sorrir ao se deparar com o cômico da vida humana, depois de tanto chorar e sofrer pelo espaço vazio, o furo, deixado pelas cartas queimadas por Madeleine... *troca fatídica*, comentou Lacan, *por onde a letra/carta veio tomar o lugar de onde o desejo se retirou!* (*Ibid.*, p.762).

[6] Lacan. *Séminaire: L'identification* (1961-1962): leçon du 21 mars 1962 (1996, p.191). O nó topológico que concerne ao complexo de Édipo na estrutura do sujeito é para Lacan, no seminário sobre "A identificação", dotado de um duplo imperativo: de um lado a demanda de amor aparece como

mascara a figura que ela representa ao se desdobrar e que só a representa quando volta a se mascarar?" Gide ilustrava, extraordinariamente, com suas interrogações acerca do "ser e do parecer", entre os que têm uma máscara de aluguel e se persuadem de que têm um rosto por baixo. Com a *persona,* Lacan introduzia um outro elemento, o *esvaziamento da imagem*, ou seja,

> na construção de André Gide a peça essencial, aquela mediante a qual a fabricação da máscara aberta a um desdobramento cuja repercussão até o infinito esvazia a imagem de André Walter [...] encontra a dimensão da *persona* que advém André Gide, para que isto nos faça entender que não está em outro lugar mas somente nesta máscara em que se oferece para nós o segredo do desejo e com ele o segredo de toda a nobreza[9].

Lacan trata, também neste trabalho, a morte de modo topológico. Ainda usando o teatro antigo como ilustração, ele acrescenta entre a morte e o vazio um terceiro termo... "Para que seu lugar seja marcado não é necessário que esteja vazio. Basta que seja numerado. Ou melhor dizendo, não é a própria morte o número dos lugares? Está aí, porque ela é tão rápida em trocar os lugares"[10]. Lacan introduziu, deste modo, a numeração, a contagem, e com isso estabeleceu uma diferença fundamental em relação à abordagem da morte que até então a psicanálise fazia desde Freud, ou seja, simbolicamente implicada com a *questão* do Pai.

No Gide de Lacan podemos, então, acompanhar a presença de diversas investigações que a clínica da psicanálise discutia no nível dos encontros humanos. Conforme sabemos, é da história detalhadíssima contada por Jean Delay e Jean Schlumberger que Lacan tomou pé e recolheu o problema para fixar o objeto próprio de seu estudo, isto é, *du rapport de l'homme à la lettre,* colocando em questão a própria história contada sobre as escolhas eróticas e as interrogações que envolveram a existência do jovem Gide.

posicionamento do sujeito na fantasia

O "posicionamento do sujeito na fantasia" nos remete à divisão própria do sujeito *no desejo de...*

Neste ensaio Lacan nos convida a trabalhar os "papéis íntimos" de Gide – sejam as cartas engraçadas endereçadas à sua mãe, as cartas aguardando a última leitura de Madeleine,

incondicional; de outro a emergência do desejo é identificada como o desejo do Outro.

[7] Nesta ocasião Lacan ainda traduzia a *Spaltung* freudiana do texto de 1938 como "refente du moi", o que não significa dizer que ele trocasse também o sentido da divisão, tomando uma divisão pela outra, ou seja, a "divisão do moi" típica da neurose cujo efeito é a *Verneinung* pela "divisão que afeta o eu" a divisão própria do sujeito que Lacan chamou de *Ichspaltung* em "Ciência e Verdade" (*Écrits*, 1966), cujo efeito é o que Freud denominou de *Verleugnung* "recusa da realidade da castração concomitante ao reconhecimento da diferença sexual e a criação do fetiche...".

[8] Cf. Lévi-Strauss, "Art" : Le dédoublement de la representation dans les arts de l'Asie et de l'Amerique. (1974 p. 287-290)

[9] Lacan, *Écrits* (1966, p.757).

[10] *Ibid.*, p.751.

sua mulher, ou as diversas anotações deixadas a cargo de Jean Delay, seu psicobiógrafo – de modo bastante distinto das tradicionais análises de discurso que se interessavam pelo conteúdo simbólico do texto. Lacan não me parece abandonar o conteúdo, mas é radical ao privilegiar o endereçamento, a circulação, o movimento e seus efeitos.

A carta/letra, *lettre,* pode ser, assim, tomada duplamente. Ora como um significante sem-par causando o desejo, pois os endereçamentos não são análogos; ora como objeto que faz-de-conta que preenche aquilo que até pode faltar, mas não podia falhar para Gide, como veremos. Jogo duplo.

Na história de Gide algumas cenas foram contadas e recontadas por ele em seus romances, ou escritas em "pedacinhos de papel". Lacan demarcou de modo analítico diversos desses momentos: as diferentes interpretações dadas por Gide para o mesmo episódio de sua vida, a construção e a desconstrução de ideais, a angústia, a posição irônica, os votos inconscientes, o deciframento de um *rébus*[11], o pesadelo que o perseguiu, o desejo, a ambigüidade da demanda, a destituição da máscara, o advir da *persona,* a perda do grande amor, a dor, a saída cômica.

Em seu texto, Lacan tecia algo que se afastava da leitura dominante da psicanálise naquela época: que era a de trabalhar em busca de um "eu forte". Retomou teorias já desenvolvidas por Freud para explicar a inversão edipiana de Leonardo da Vinci[12], como por exemplo, a teoria das duas mães – uma, do desejo e mortífera, e a outra, do amor, mãe que interdita e protege – para falar de Gide; também ao classificar-lhe o erotismo como masturbatório, indicando deste modo a forma de prazer localizada, pois um *prazer de órgão, Organlust,* como dizia Freud. Lacan, entretanto, já no fim de seu texto, indica-nos como em *Corydon*, de 1924[13], Gide faz mais do que uma *propaganda,* um espantoso resumo da *teoria da libido.* E Lacan assinala-lhe a coragem para fazer reconhecer seu desejo, incorrendo na desrazão, até arriscando o infortúnio.

Será daí que partirei: do *movimento* que agita o desejo que não é nem puro surgimento da pulsão nem manifestação de seus paradoxos. Que está de um lado articulado à frase da fantasia e de outro instituindo valores e estabelecendo a ética que irá demarcar as escolhas, sempre forçadas, para o sujeito operar em sua divisão, sejam as operações que forem – projeção, inversão, recalque ou sublimação – provocadas pelo abalo no encontro com as modalidades discursivas de negação do sujeito[14].

[11] *Rébus* é uma palavra francesa: "s. m., o ideograma no estágio em que deixa de significar diretamente o objeto que representa para indicar o fonograma correspondente ao nome desse objeto", Dicionário Aurélio, p.1194.

[12] Freud. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910) (1994)

[13] *Corydon* foi escrito em 1911, mas só liberado para publicação em 1924. É um ensaio no qual o autor defendeu com argumentos científicos o homossexualismo.

[14] Freud. *Die Verneinung* (1925/1994)

Para compor o que chamei de *posicionamento do sujeito na fantasia* na relação do Outro do sujeito em Gide, retomo agora três passagens destacadas por Lacan em seu texto, e apresentadas a seguir em o encontro com *das Ding*, a ambigüidade da demanda e a posição do desejo.

o encontro com *das ding*

A primeira passagem é a do comentário feito por Lacan sobre o encontro do sujeito com o gozo do Outro. "A transformação (*mue*)[15] que vinha como resíduo de uma subtração simbólica que se fez no lugar onde a criança confrontada com sua mãe somente pôde reproduzir a abnegação de seu gozo (*jouissance*), e o envelopamento de seu amor. O desejo só deixando sua incidência negativa, para dar forma ao ideal de anjo que um impuro contato só poderia roçar levemente"[16]. Esse comentário de Lacan foi associado, por diversos autores[17], a uma cena relatada por Gide em um de seus romances e que retomo para ilustrar. Refere-se à demanda médica (apelo a um pai) feita pelos pais de Gide por ocasião de sua expulsão da Escola por ter sido pego se masturbando (diante de uma injunção). Na época, André tinha sete anos. No consultório ele teria sido ameaçado com espadas e lanças que enfeitavam a parede, contando depois *não se lembrar* de ter sentido angústia e nem de ter dado crédito às palavras do médico. Contou também que "foi apenas emudecido pelos sinais de grande dor que pudera ler no rosto de sua mãe". A fixação do significante a essa imagem que ele supôs ler – diante do enigma que é o desejo do Outro – o emudeceu e também o dividiu *entre*: não poder dizer algo sobre esse silêncio deixado pela ausência de uma palavra que diga; e em *redobrar*[18] a idéia de uma outra ameaça, a do temor da perda do amor pelos pais. Entretanto, a masturbação permaneceu como uma marca das escolhas eróticas de Gide, até o fim de sua vida, na *dobradinha* com os garotos. Porém deste encontro com o gozo do Outro, *das Ding*, no lugar desta *subtração simbólica*, Ⱥ, emerge o *significante de* Ⱥ, S(Ⱥ), sintoma fóbico, contido na *evitação de contatos impuros* – que tornará possível significar os significantes que marcam o enigma do desejo da mãe. "O *ideal do eu*, de Freud", comentou Lacan, "se pinta sob essa máscara complexa, e se forma, com o recalcamento de um desejo do sujeito, pela adoção inconsciente da própria imagem do Outro que desse desejo tem o gozo com o direito e os meios"[19]. No retorno do *para além* do semelhante a própria imagem – que Lacan chamará depois de *real* – a mensagem implicada no sintoma relançará a demanda pulsional – imperi-

[15] A palavra *mue* significa muda: a troca da plumagem dos pássaros; a mudança que ocorre no timbre de voz dos adolescentes no momento da puberdade; porém como verbo pronominal *se mue ré* também "se transformar".

[16] Lacan. *Écrits* (1966, p.754).

[17] Conferir os diversos artigos publicados em *Falo*, Revista do Campo Freudiano, n.4/5, 1989, dedicados à Clínica da Perversão. Em especial, Sonia Alberti, A homossexualidade de André Gide; Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Gide e Madeleine: um ato de Medéia; Marie-Hélène Brousse, Auto-erotismo e traços de perversão. Conferir também o artigo de Stella Jimenes, Ci-Gide: de efeitos subjetivos da obra literária (1993)

[18] Lacan associa esse *redobramento* ao processo mesmo da criação do escritor, por meio das construções mais precoces que foram para sua infância as mais necessárias, por ter de segurar os quatro lugares tornados mais incertos da falta que ali restava (*Écrits*, 1966, p.751). Freud falava em estatuto de *já existente* ligados às *fantasias* originárias para abordar esse *redobramento*.

[19] Lacan. *Écrits* (1966, p.752).

osa demanda de amor – em um imperativo: isso *não pára de se escrever!*

a ambigüidade da demanda

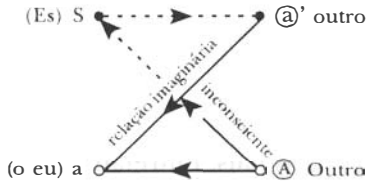
A segunda passagem se refere à *posição ambígua da demanda endereçada* de Gide, assinalada por Lacan na analogia feita por Jean Delay entre Gide e Montaigne, "no que se refere a seu modo de endereçamento a um outro ainda por vir, desse privado onde ele renuncia em discernir o que será para este outro o significante"[20]. Aqui podemos acompanhar através do *Esquema L*[21] (Figura 1) a demarcação da relação imaginária, especularizada – porém, como sabemos, nem toda especularizável porque real da letra/carta, "dos papeizinhos" de Gide – onde o efeito da mensagem se forma ao voltar, como nessa metáfora utilizada por Lacan para abordar o eixo a – a', "o fundo das ervas nas águas de Narciso são da mesma onda que o reflexo das folhagens"[22]. Lacan aponta, como assinalou Quinet, para essa *dissociação* que se estabelece com o não especularizável, possível somente de ser *tocado* pela via significante do eixo inconsciente S – A (simbólico).

[20] *Ibid*, p. 744.

[21] Conferir nota 3.

[22] Lacan. *Écrits* (1966, p. 745)

Figura 1: Esquema L de Lacan



S = corresponde ao *Es* (Isso) freudiano, sujeito analítico.
a = eu (*moi*)
a' = os objetos, o que se reflete de sua forma nos outros, semelhantes.
A = lugar de onde pode se colocar para o sujeito a questão de sua existência.

Para ilustrar esse ponto, retomo o relato de Lacan sobre a história contada por Gide em um de seus romances. Era a recordação de uma *cena de sedução* aplicada a um garoto por sua tia, passagem que foi atribuída ao próprio Gide, e que para a nossa análise importam somente os efeitos dessubjeti-

vantes. Bem, Lacan assinalou *duas versões* dadas por Gide para este episódio.

A primeira versão se encontra em seu romance *A Porta Estreita*, de 1907, no qual Gide relata um "encontro marcado com seu destino", instante de iluminação e de engajamento de seus *votos*. Votos em nome dos quais ele deveria fazer de sua prima Madeleine, filha da tia sedutora, sua mulher, seu único amor... Gide contou que não pôde, ao escrever, "rememorar sem angústia". Mais ainda, quando ele em uma visita, demonstrou a "vocação para proteger" sua prima de sua tia, passando ao ato de lhe fazer uma promessa de amor eterno. Lacan demonstrou, entretanto, toda a ambigüidade contida na recordação deste episódio, especialmente quando assinala o quanto Gide nos deixou em suspenso supondo que não fosse *ela* o objeto de sua visita. A segunda versão aparece em *Et nunc manet in te*, de 1948, na qual Lacan se baseia para concluir que a pessoa que havia tomado "a verdade da ficção[23]" – entre a *emergência do desejo* e o *imperativo da demanda* – tinha também desempenhado no lugar do garoto Gide o papel de sedutora, e que suas manobras se pareciam de modo singular com as "atormentadoras delícias" que ele havia confessado escandalosamente nesse livro, fossem elas ou não situadas em suas viagens de núpcias, e correspondendo bem ao que ele não dissimulou quase nada de suas mais febris fascinações. Neste ponto, Lacan indicou uma posição subjetiva para Gide diante do outro sexo: "parece que aqui é na mulher que o sujeito se acha *transformado* como desejante"[24]. Mas o que significa dizer isso? Nó místico do amor cortês, dirá Lacan. E acrescenta que se nós, psicanalistas, fôssemos capazes de entender o que Freud disse sobre a *pulsão de morte,* nós saberíamos reconhecer que a realização da vida pode se confundir com o *voto* de pôr um termo a ela. *Votos* estes que Freud aborda ao conjugar sexualidade infantil, desejos inconscientes e as fantasias eróticas. Como na lenda de Édipo, Freud recolheu dois *votos* ou dois desejos inconscientes: a morte do pai e o gozo da mãe. O primeiro como condição do segundo.

Na tragédia grega, o *encontro marcado* é com um destino que se cumpre sem saber, pois ele é inteiramente desconhecido, como sujeito do inconsciente o acesso a esse destino só será possível pela via das "formações do inconsciente". Freud, entretanto, lê na autopunição de furar os olhos do fim da tragédia, como imaginarização do estar castrado, o que não é o reconhecimento da castração simbólica, pois por não reconhecer esses *desejos criminosos* Édipo os deixa agir e, *no lugar* do que falta, passa ao ato e paga o preço com a cegueira.

[23] Nesta *confusão* o que se repete é a *dissociação* própria do nó deste grande mito que é o complexo de Édipo. Pois, comenta Lacan, "mesmo que as recordações da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não se deixa de fazê-lo. O mito é isso, a tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura". Lacan. *Televisão* (1993, p. 55)

[24] Lacan. *Écrits* (1966, p. 754).

a posição de desejo

A terceira passagem nos remete à *posição de desejo* contida no relato do *sonho* que assombrou Gide como um pesadelo até uma certa data, quando ele o achará *engraçado*, quase no ponto onde a *fenda estala*[25], como dirá Lacan metaforicamente. Era uma cena que sempre o desolava de angústia e consistia na aparição de uma forma de mulher que, ao cair seu véu, somente deixava ver um furo negro, "*ou então* (*ou bien*) se subtraía de seus abraços (*etreinte*, aperto, opressão; diferente de *embrasse*) como um fluxo de areia"[26]. Na primeira parte do relato do sonho, a afirmação do furo negro ao tombar do véu da mulher coloca em cena um enigma, pois algo escapa à possibilidade de estabelecer sentido. Porém não será a angústia que fará enigma e sim a mulher... Na segunda parte do sonho, alguma coisa *confond*, causa perplexidade, e a escolha da conjunção "*ou então*" deixará em suspenso a possibilidade de concluir, levando Gide ao *ofício de escrevinhador.*

[25] "[...] *à ceci près que la crique qui le croque*" faz um jogo difícil de ser vertido, pois *crique* quer dizer abrir uma fenda no metal por meio de separação anormal, e *croquer* é comer, estalar; *croque-mitaine* é o nosso bicho-papão, como *croque-morte* papa defunto etc.

[26] Lacan *Écrits* (1966, p. 750)

a falta que faz um ato de amor

Madeleine, "supondo não ver o que queria ignorar", guardou durante muito tempo – cerca de trinta anos – a correspondência que Gide lhe endereçava. Será que ela as lia? Se lia, o que será que lia? Não sabemos. Este é sem dúvida um dos efeitos deixados por seu ato – aquele de queimar todas as cartas, uma a uma, após reconhecer, no que ela teria lido no rosto de Gide, o amor fora de casa: "pelo menos nobreza"! Foi simplesmente o que ela lhe teria dito, assinalou Lacan.

Ao jogar as cartas no fogo, sem que Gide visse, Madeleine, sem saber, vai além de apagar as letras escritas que as tornavam para ela o que "tinha de mais precioso": ela acaba por acender uma outra chama... Duplo jogo. Porém ao *escolher* não faltar com a palavra e dizer "pelo menos nobreza", Madeleine dá a Gide o que ela não tinha mais... seu amor. A via amorosa por ser narcísica, sintomática, conduz-nos a uma *dobra* impossível, seja por conta do "recalcamento originário" (*Urverdrängt*) no qual experimentamos o quanto é impossível dizermos tudo, pois é próprio da estrutura da língua a pluralidade de sentidos; seja porque é "impossível reconhecermos" (*Unerkannt*) o que aí está realmente implicado, pois há uma falha, uma *fissura*, nesse saber inconsciente, algo faz objeção, descompletando a cadeia significante.

Lacan aproximou o ato de Madeleine ao de Medéia. Associou a traição sofrida por Gide àquela sofrida por Jasão, pois

ambos teriam sido traídos por suas mulheres. Quanto aos *efeitos* que este ato de Madeleine/Medéia causou a Gide/Jasão, o próprio Gide os havia conectado aos de um outro mito, Eurídice e Orfeu, no instante em que este desce ao Inferno em busca de sua noiva, que havia morrido no dia do casamento.

O interessante aqui é que será pela introdução de um outro mito, feito por Lacan, que poderemos articular o que eu chamei inicialmente de uma *demanda endereçada* de Gide, e depois o posicionamento do sujeito na fantasia, para concluir.

Et nunc manet in te, título do livro que Gide publicou logo após a morte de Madeleine, em 1948, é uma espécie de paródia, se posso dizer isso, às palavras de Orfeu, como nota Lacan: *"Poenaque e respectus, et nunc manet, Orpheus, in te"* (Pena e respeito, e agora permanece, Orfeu, em você). Diz a lenda[27] que ao se aproximar da soleira da porta do Inferno, "esquecendo a proibição" que lhe fora feita como condição do milagre concedido para a ressurreição de sua noiva, Orfeu se volta para trás e vê os olhos de Eurídice, só que pela última vez, pois ela se esquivou de seus abraços e para sempre recaiu nos abismos!

[27] Commelin. *Nova Mitologia Grega e Romana* (1941, p. 315-318)

Sobre a tragédia de Eurípides, *Medéia*[28], o comentário feito por Lacan é precioso: "pobre Jasão parte para a conquista do velocino de ouro da felicidade, não reconhecendo Medéia!"[29]. Em *Medéia*, o que é trágico não me parece se encontrar no fim da peça, mas logo no começo, o *engano* ao qual o autor também nos leva, que é, em realidade, o engano de Medéia... Porque para obter o velocino de ouro da felicidade, Jasão aceitou de Hera seus *podres poderes*, pois as condições da conquista eram para ele sobre-humanas. Em troca, Hera, que havia feito Medéia ficar perdidamente apaixonada por Jasão, fez-lhe jurar que se casaria com ela e lhe seria eternamente fiel... O que é trágico, a meu ver, é que Medéia ao se apaixonar faz todas as concessões para seu amor, e por ele mata, mente, usurpa com seus poderes, mas, talvez, como Madeleine, "supondo não ver o que queria ignorar"... Para Medéia, o amor era totalmente cego!

[28] Eurípides *Medéia* (s/d)

[29] Lacan. *Écrits* (1966, p. 761)

Para concluir, retomo a cena do sonho que foi relatada por Gide em *Et nunc manet in te* – a cena que consistia na aparição de uma mulher que, ao cair seu véu, somente deixava ver um furo negro, ou então (ou bien) se subtraía de seus abraços.

Atravessar a fantasia o que é, então? No caso de Gide, podemos supor que foi ter descido ao Inferno, lá onde Dante – em quem ele havia se inspirado para compor o modelo *místico* de amar *sua* Beatriz – também colocou os poetas. De lá, apenas

a frase vertida do pesadelo ao sonho, Gide pôde sorrir, nos disse Lacan. Sorriu por que... então? Em *Posição do Inconsciente*, de 1960, Lacan nos assinala para a primazia dos efeitos do significante.

> Dar essa prioridade ao significante sobre o sujeito é, para nós, levar em conta a experiência que Freud nos abriu, que o significante joga e ganha, se nós podemos dizer isso, antes do sujeito se dar conta, no ponto em que no jogo do *Witz*, da palavra de espírito, por exemplo, *surpreende* o sujeito. Por seu *flash*, o que ela esclarece é a divisão do sujeito com ele mesmo[30].

[30] *Ibid.*, p. 840.

Ao deixar vazio o lugar para as palavras de vingança e ressentimento que encenavam um luto eterno em Orfeu, Gide pelo contrário "[...] se subtraía de seus abraços como um fluxo de areia", deixando *a ela* todo o segredo da nobreza de seu desejo: *Et nunc manet in te,* e agora permanece em você. O jogo que era duplo tornou-se duplo jogo, para logo em seguida não ser nem jogo nem duplo. Efeito de castração lá onde a imagem é esvaziada. Significação do falo[31], "razão do desejo do Outro que como tal é imposto ao sujeito reconhecer", pois isso *pára de não se escrever*! "Essas cartas onde ele colocou sua alma, elas... não tinham duplo. E constatada sua natureza de fetiche (e não mais como *o objeto falo imaginário*) provoca o riso que acolhe a subjetividade tomada de improviso"[32]. Pois, como havia dito Lacan, "nada do desejo que é falta pode ser pesado nem posto nos pratos, se estes não forem aqueles da lógica". Lá onde estava o nome de Orfeu, Gide também deixou em branco, fazendo-nos supor que o grande golpe que portou seu ser estava bem em outro lugar, no segundo luto que teve de fazer pela perda real deixada pela morte de Madeleine. Instante de impossibilidade, porém de não reconhecimento, de um além indecifrável. Gide escreve. Não nomeia. Deixa passar... No encontro com esse Outro que quer alguma coisa e se deixa ver assim tão frágil... tão inconsistente, haverá interrupção, separação do Outro. Porém, no retorno da demanda: "eu me demando o que você é... para mim". *Hein?!* O Outro, desde que ele funciona, comenta Lacan, não sabe de nada! Neste instante de passagem de um Outro que sabe para um Outro que quer... Que queres... *Hein?* Falta a Gide aquela vontade de ir além e interrogar o enigma que marca o desejo... Como se em seus *votos* de cuidar de Madeleine estivesse apenas projetada a *esperança* do gozo impossível.

[31] Lacan. La Signification du Phallus (1966, p. 693).

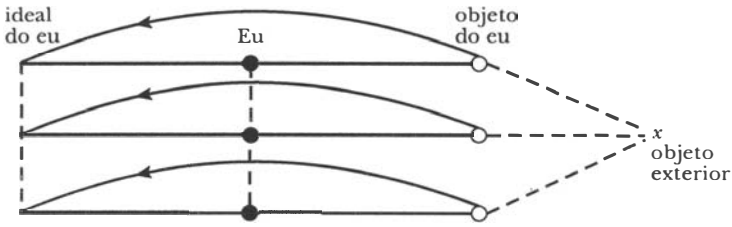
[32] Lacan. *Écrits* (1966, p.763).

Nessa passagem para o campo da escrita, a operação poética efetuada, substitui a conjunção por um vazio. Podemos supor aqui a partir do Esquema (Figura 2) proposto por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921, e revisto por Lacan[33], como um instante de disjunção, de separação entre o que mantinha coesa a imagem de onde o eu do sujeito se via como amável – i(a) e o *a, o* objeto *além*. Porém atravessar a fantasia só não basta – é preciso construção em análise – para que a *fantasia de fantasma*, depois de tecida ou construída, possa finalmente ser largada. Caso contrário o sujeito irá buscar renová-la ou remendá-la, e assim eludir a castração(-φ), o furo próprio na imagem, e identificar seu *Ideal de eu* – simbólico em A – com o objeto *além*, e não com os *traços* (unários) fazendo "nomes próprios", próprios ao sujeito, pois a identificação do sujeito com o significante somente faz representar um significante (S1) para um outro significante (S2, como lugar em que o significante se mostra), mas não pode dizer o que é o ser do sujeito[34]. Pergunta-sintoma do encontro inominável com *das Ding*, conforme demarca Philippe Julien.

[33] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1982, p. 257)

[34] Cf. Julien. Pinel, Esquirol, Freud, Lacan (1988)

Figura 2 : Esquema de Freud



Daí, talvez, o comentário de Lacan sobre a obra de Gide, de que ele teria feito de modo espantoso um resumo da *teoria da libido*. Em *Posição do Inconsciente*, Lacan define a libido como um órgão que desliza o ser de organismo, como instrumento que desloca o verdadeiro limite do organismo além de seu envelope corporal, é o que presentifica a falta deixada pelo objeto.

> O sujeito falante tem esse privilégio de revelar o sentido mortífero deste órgão, e por isso sua relação com a sexualidade. Isto porque o

significante como tal fez, barrando o sujeito como primeira intenção, entrar nele o sentido da morte. (A letra mata, porém nós a apreendemos pela própria letra.) É o porque toda pulsão é virtualmente pulsão de morte"[35].

[35] Lacan. *Écrits* (1966, p. 848).

É daí que surge a pulsão, que só se torna (auto)erótica, para Freud, depois de perder o objeto.

A carta/letra sempre chega a seu destino, mas lá chegando, pode também receber diversos tratamentos, como ilustrou o Gide de Lacan: pode ser redobrada como a obra literária de Gide; desdobrada por ocasião da morte de sua mãe, na interrupção do cômico, na passagem de André Walter a André Gide, pela assinatura do sobrenome paterno e pelo advento do escritor que conhecemos; pode ser queimada; lida, ou ainda comentada.

[36] Cf. o excelente artigo de Gérard Lebrun, Uma escatologia para a moral (1986, p.75-101), em que ele estabelece, eu diria, um *para além* do *imperativo categórico* proposto por Kant na sua primeira Crítica, e que Lebrun retoma a partir da Crítica da Razão Prática, lugar do qual Lacan também parte para colocar as questões da "Ética da Psicanálise".

A cura ou a felicidade, como *bem disse* Freud, ao longo de sua vida, são conseqüências, ou efeitos como disse Lacan, em que ambos apontaram – com Kant – para um trabalho no qual "a Idéia de um fim último extrai-se da moral e não do que a fundamenta... pois não se cogita subordinar a busca de um objetivo à ação efetuada por dever"[36]. O sujeito, no fim das contas, é moral, pois é ela que engendra a teoria. A ética, bem... já é outra coisa – nossos valores, os interditos, as ficções que inventamos, o que recusamos... Aliás é pra isso que Lacan escreve *A ética da psicanálise,* para nos contar como, através dos tempos, foi feita eticamente a história da moral, das proibições, e de como a civilização sustenta o gozo fora da lei[37].

[37] Millot. *Nobodaddy, a histeria no século* (1989).

No Gide de Lacan o *problema da relação do homem com a letra* está no muito pouco de oposição *entre* o que verdade *(Wahrheit)* e poesia *(Dichtung)* em sua nudez operam na passagem para o poético o que... *antes deve nos deter nesse traço (trait)* – também de espírito – *que esquecemos verdadeiramente, é que ela se verifica em uma estrutura de ficção,* et nunc manet in te*!*

Assim como "o Mario" de Vargas Llosa, em *Tia Julia e o Escrevinhador,* Gide também fez seu este ofício.

Resta saber se, como analistas, ao nos encontrarmos com o "sujeito em sua abertura", estamos *prontos* para afirmar aquilo que compõe o *estilo* de cada um.

Rio de Janeiro, agosto de 1995.

ALBERTI, Sonia. A homossexualidade de André Gide. *Falo*. Salvador, n.4/5,1989.

BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

BIRMAN, Joel. O sacrifício do corpo. In: *Ensaios de Teoria Psicanalítica I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

BROUSSE, Marie-Hélène. Auto-erotismo e traços de perversão. *Falo*. Salvador, n.4/5,1989.

COLLIER DO RÊGO BARROS, Maria do Rosário. Gide e Madeleine: um ato de Medéia. *Falo*. Salvador, n.4/5, 1989.

COMMELIN, P. *Nova Mitologia Grega e Romana*. 7ed. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia., 1941. Tradução brasileira Thomaz Lopes. (Orfeu).

EURÍPIDES. *Medéia*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.. Tradução, introdução e notas de Mario da Gama Kury.

FREUD, Sigmund. (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Edição Satandard das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. (1910) Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.:S. Fischer, 1994. Band X.

FREUD, Sigmund. (1914) Zur Einführung des Narzissmus. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. Band III.

FREUD, Sigmund. (1925) Die Verneinung. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a. M.: S. Fischer, 1994. Band III.

JIMENES, Stella. Ci-Gide: de efeitos subjetivos da obra literária. In: QUINET, Antonio (org.). *Jacques Lacan: a psicanálise e suas conexões*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

JULIEN, Philippe. Refus et assentiments en psychanalyse. *Littoral*. Paris, n.29, p. 67-79, 1989.

JULIEN, Philippe. Pinel, Esquirol, Freud, Lacan. In: *Littoral*. Paris, n.25, 1988.

LEBRUN, Gérard. Uma escatologia para a moral. In: *Idéia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MILLOT, Catherine. *Nobodaddy, a histeria no século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

LEITE, Marcio Peter de Souza. O Eu em Freud. In: *A Imagem Rainha, as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica*, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995, p. 25-35.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Art: Le dédoublement de la representation dans les arts de l'Asie et de l'Amerique". In: *Anthropolgie structurale.* Paris: Plon, 1974.

LACAN, Jacques. Jeneusse de Gide ou la lettre et le désir – Sur un livre de Jean Delay et un autre de Jean Schumberger. In: *Écrits,* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Escritos.* 17ed. Buenos Aires, XXI Editores, 1993.

LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. La Signification du Phallus. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. La position de l'inconscient. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 7: A ética da piscanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: L'identification* (1961-1962): leçon du 21 mars 1962. Paris: Association freudienne internationale, 1996. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. *O seminário: O ato psicanalítico* (1967-1968): a aula de 17 de janeiro de 1968. (Versão brasileira fora do comércio).

LACAN, Jacques. *Séminaire: D'un Autre a l'autre*: leçon du 7 mai 1969. Paris: Association freudienne internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Televisão.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LHOSA, Mario Vargas. *Tia Julia e o Escrevinhador.* São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

PORGE, Erik. Comme est dit du père. *Littoral.* Paris, n. 11/12, p.247-263,1984.

PORGE, Erik. Une forme du sujet: la subjetivation. *Littoral.* Paris, n.25, p. 49-69,1988.

Forum do Campo Lacaniano em São Paulo FCL - SP

resumo

O texto retoma o estudo de Lacan em *Juventude de Gide ou a letra e o desejo*, de 1958, a propósito "du rapport de l'homme à la lettre" para pensar – servindo-se da literatura – alguns pontos de impasse que a experiência psicanalítica atravessa e que a literatura nos oferece com tanta propriedade.

A "relação do sujeito com o Outro" é o ponto de partida de Lacan nesse texto e orienta-nos na abordagem deste trabalho a partir da demanda para refletirmos a respeito do "posicionamento do sujeito na fantasia" – ora como sujeito ora como objeto – e as conseqüências subjetivas daí desdobradas.

palavras-chave

relação do sujeito com Outro, travessia da fantasia, demanda e desejo.

abstract

This text retakes the study of Lacan in Youth of Gide or the letter and the desire, of 1958, to purpose "du rapport de l'homme à la lettre" to think of – if serving from the literature – some points of impasse which the psychoanalytic experience go through and that the literature offers us with so much property.

The "relationship of the subject with the big Other" is the starting point of Lacan in that text and it guides us in the approach of this work starting from the demand for us to think over regarding the subject's "positioning in the fantasy" – some times as subject other times as object – and the subjective consequences then unfolded.

key words

relationship of the subject with big Other, crossing of the fantasy, demand and desire.